

# NORMA PADRÃO E NORMA NÃO PADRÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL: NA ORALIDADE

Rosimeire Firão Levado (USP)  
Anielle Aparecida Gomes Gonçalves (USP)

**RESUMO:** Para este respectivo trabalho, separamos duas variantes fonológicas e três variantes gramaticais, da qual apenas uma variante gramatical será comentada e as outras serão apenas citadas. Os exemplos de variantes citados são frases fragmentadas e não-sequenciais tiradas dos inquéritos revisados, que foram colhidos de comunidades carentes da cidade de São Paulo, para um estudo da Norma não padrão do português brasileiro em comparação com a norma padrão.

**PALAVRAS-CHAVES:** norma padrão, norma não padrão, oralidade.

**ABSTRACT:** this for their work separated two variants phonology and three variants, which only one variant grammar is commented out and the others will be only. Examples of variants quoted phrases are fragmented and not sequential taken surveys reviewed, which were harvested communities of São Paulo City, to a study of the standard does not default Brazilian Portuguese compared with the standard default.

**KEYWORDS:** norm standard, norm not standard, orality

## Introdução

O fenômeno gramatical a ser estudado mais detalhadamente será a *variação no uso de pronomes de segunda pessoa*, e o texto base utilizada é o de PAREDES SILVA (1998), “Variação no uso de pronomes de segunda pessoa do singular na fala carioca”. Claro que somente serão consideradas suas ideias e hipóteses, já que se trata de outro *corpus*, com informantes da cidade de São Paulo e de baixa renda.

Neste trabalho serão apresentados algumas ocorrências da variação no uso de pronomes de segunda pessoa do singular envolvendo as formas alternantes *você*, *ce* e *zero*. Não se trata de um tratamento quantitativo, mas de discussão e de levantamento de possíveis condições de uso dos pronomes estudados.

Uma das variantes fonológicas citada é o dígrafo consonantal *lh*, em que o informante falava *trabaiava* ao invés vez de falar *trabalhava*. Segundo Lopes (1995:103-138) este fonema lateral ápico-alveolar ocorre porque faz parte dos fonemas líquidos que são subdivididos em

fonemas vibrantes como: /r/ vibrante simples e /r/ vibrante múltipla que será comentado mais detalhado na próxima variação fonológica e fonemas laterais são /l/ e lh(este último representado, na escrita, pelo dígrafo lh). Lopes menciona que os fonemas líquidos “não são puramente consonânticos. Sua melhor classificação parecer ser a de fonemas complexos (simultaneamente consonânticos e vocálicos), já que eles participam da natureza das consoantes e das vogais (apud Arcaini, 1972,83, nota 3; e Jakobson, 1963,128) este último diz”: “As vogais são vocálicas e não-consonânticas; as consoantes são consonânticas e não-vocálicas; as línguas são vocálicas e consonânticas...”). A seguir Lopes explica o ponto de vista dos autores Arcaini e Jakobson, porque as laterais como “malha”, por exemplo, “ em final de sílaba e na posição pré-vocálica possuem tendência para vocalizar-se, com a perda da articulação apical, confundindo-se com a semivogal...” com a representação fonética /j/ sendo pronunciado como na variante estudada *trabaiava*.

Os dados dos informantes usados para este trabalho:

### **Ficha do primeiro informante**

Nome: Vilma (V.M.P.)

Sexo: feminino

Idade: 38 anos

Escolaridade: dois primeiros anos do ensino fundamental em uma escola pública de São Paulo

Profissão: faxineira

Procedência: Sul do Brasil (Pé de Galinha, estado do Paraná) – mudou-se para Douradino (PR), local onde foi registrada. Depois mudou-se para Cianorte (PR) e de Cianorte para a cidade de São Paulo. De São Paulo mudou-se para Cansanção (BA). Retornou à cidade de São Paulo onde ficou viúva e onde vive atualmente com os seus filhos.

Data da gravação: Outubro/2004

Tempo aproximado de gravação: 70 minutos (?)

### **Ficha do segundo informante**

Nome: Douglas (D.P.S.)

Sexo: masculino

Idade: 19 anos

Escolaridade: cursando a oitava série do ensino fundamental em escola estadual situada no município do Embu.

Profissão: torneiro mecânico

Procedência: cidade de São Paulo

Trajetória: filho de Vilma (V.M.P.); trabalhou como entregador de pizza, gandula e ajudante de uma adega. Atualmente é torneiro mecânico, trabalha também como moto boy de uma pizzeria nos finais de semana e é estudante no período noturno.

Data da gravação: Novembro/2004

Tempo aproximado da gravação: 45 minutos.

Pode-se observar esse fenômeno nos exemplos abaixo:

Inf - é porque lá não tinha frenti di *trabaiu*... só *trabaiava* di bóia fria... aí nós viemu pra cá pra *trabaiá* na chácra di verdura mesmu mais não *trabaiava* pur mim... *trabaiava* pus otrus só... *trabaiava* di impregadu né?

A outra variação fonológica é a troca da lateral alveolar /l/ pelo /r/ vibrante simples, é denominado rotacismo como mostra o exemplo *vortu/voltu* ou *farta/falta*. Lopes(1995:103-138) classifica os fonemas vibrantes em /r/ vibrante simples e /r/ vibrante múltipla, as vibrantes simples são encontradas nas palavras como “coro” “amor” e as vibrantes múltiplas como “corro” “carro”. Segundo Costa (2007:01), “o rotacismo é uma regra variável que depende do

contexto silábico em que ocorre e que está condicionada por fatores sociais como a escolaridade e a faixa etária”. Conforme Lopes (1995:102-103) os fonemas vibrantes são resultante de “brevíssimos e repetidos bloqueamentos parciais da corrente de ar, provocados por movimentos vibratórios da língua (ao colidir com os dentes)”; e o fonema alveolar é resultante do “bloqueamento parcial da corrente de ar, que se escoia pelos lados da língua”. Sendo assim, Costa (2007: 05) diz que “a realização de uma vibrante no ataque ramificado seria motivada pelo fato de que este segmento propicia uma melhor estrutura silábica”.

Pode-se observar esse fenômeno nos exemplos abaixo:

Inf- ... eu não *vortu* mais aqui...

Inf- faiz *farta* né?

Inf- ... eu dei um prazu di uns oitu dia pra... *vortamu*... acabei casanu i tô há trinta i dois anu juntuu...

Tratando-se da variação gramatical, encontramos a concordância verbal. Segundo Rodrigues (2004:11), as construções do tipo *nóis vai/nóis foi* traz uma estigmatização “...entre os escolarizados dos grandes centros urbanos...”, e assim, classificando o analfabeto na mais baixa classe social, pois, tem um peso social grande a não realização da concordância verbal, Rodrigues (2004:11) menciona que “... é menos comprometedor o uso de construções como eles canta, eles vai do que do tipo *nóis vai*”. Assim sendo, a escola e os grandes centros urbanos inibem esta construção impondo “... as formas verbais de prestígio de 1ª pessoa do plural”.

Pode-se ver exemplos desse tipo de ocorrência logo abaixo:

Inf- ... eu não chamu di senhora não... pareci qui *elas sai* mais contenti sabi?

Inf- ... as piada ingraçada... é mais issu qui *elis falava*...

Outra variação gramatical encontrada é a não-marcação do plural no sintagma nominal. Segundo Guy (2005:27), nem todas as pessoas marcam o plural de todas as palavras dos sintagmas nominais. Informa também que “a posição da palavra no sintagma tem uma influência

importante sobre a taxa de concordância: os marcadores de plural ocorrem muito mais na primeira posição, no início do sintagma, e muito menos na posição final.” Como podemos observar nas seguintes variações:

Inf- ... qui a genti tá com eles, olha... *seus filhu...*

Inf- porque *as criança*, nossa, *as criança* du meu maridu...

Inf- ... dos acidentis que tem acontecido de bicicleta, e *as criança* de bicicleta...

Este trabalho constará das seguintes partes:

1. A expressão variável da segunda pessoa em português de acordo com a gramática.
2. A hipótese funcionalista em relação a esta questão.
3. Análise do uso.

### **1. A expressão variável da segunda pessoa em português de acordo com a gramática**

O quadro de pronomes apresentado pelas gramáticas é bem diferente do uso dos mesmos pelos falantes em todo o território. Inclui formas não mais usadas, como *vós*, e não menciona o uso de *você* como segunda pessoa.

PAREDES SILVA (1998) menciona em seu trabalho vários autores que perceberam e citaram em suas gramáticas a substituição do uso do *tu* pelo *você*, mas que não o consideraram como pronome de segunda pessoa direta, como Said Ali (1969) e Duarte (1993). Pode-se perceber essa posição mesmo em gramáticas modernas, como a de BECHARA (2005), em que o autor considera somente o *tu* como a segunda pessoa do singular e *você* como uma “forma substantiva de tratamento indireto de segunda pessoa usado no tratamento familiar.” (2005:165).

A hipótese que PAREDES SILVA (1998) tem sobre essa resistência ao uso de *você* como pronome pessoal “provém, certamente, de sua origem na forma de tratamento *Vossa Mercê*, que, como se sabe, passou por estágios intermediários (*vosmecê*, *vossuncê*, *vancê*) até chegar à forma que utilizamos.” (1998:126). Esta hipótese parece ser discutível, já que nenhum falante, mesmo os autores em questão, utilizam *você* como uma forma de tratamento de segunda pessoa direta.

Assim, enquanto no quadro dos pronomes pessoais das gramáticas normativas tem-se somente *tu* como segunda pessoa do singular, o quadro de realizações possíveis para a referência à segunda pessoa no português do Brasil seria *tu* (presente apenas em algumas regiões), *você*, *ce* e *(0)*.

## **2 A hipótese funcionalista em relação a esta questão**

A expressão do sujeito pronominal discutida sob a perspectiva da funcionalidade das marcas linguísticas tem como objetivo verificar como se comporta a segunda pessoa em dados de fala do português atual na interação espontânea. Na variação funcional, a omissão do pronome sujeito ou a eliminação de algumas marcas de concordância dentro do SN ou SV mostra que os usuários da língua respeitam um princípio de economia e tendem, assim, a preservar as marcas necessárias, eliminando as redundantes. A repetição das marcas quando menos necessárias, isto é, redundantes, sob a influência de outros fatores, evidencia um uso não funcional da língua por parte dos usuários.

A hipótese funcionalista discutida no trabalho da autora se origina na “condição de distintividade” de Kiparsky (1972): “há uma tendência para a informação semanticamente relevante ser mantida na estrutura superficial” (apud Poplack 1980:372).

Poplack (1980), por sua vez, constata em sua pesquisa sobre a perda de algumas marcas no espanhol de Porto Rico, um efeito aparentemente contrafuncional no apagamento de marcas justamente quando se mostram mais necessárias e na preservação das mesmas na presença de outras marcas precedentes. Na mesma linha de Poplack, Hochberg (1986) discute a relação entre o apagamento de /s/ na segunda pessoa do verbo e a presença de sujeitos pronominais no espanhol de Porto Rico. Como o espanhol também admite a ausência do pronome sujeito, esta ausência tende a ser evitada se dela resultar uma expressão ambígua, o que acontece, por exemplo, com a segunda pessoa do singular, em que o /s/ cai, que exibe porcentagens mais altas de manutenção do pronome, e tempos verbais que apresentam uma coincidência entre formas de 1ª, 2ª e 3ª pessoa, caso do imperfeito do indicativo, do condicional e dos tempos do subjuntivo.

Scherre (1988), em relação às marcas de concordância no SN, propõe que haveria um “princípio de processamento paralelo” atuando nas línguas, isto é, uma repetição mecânica das últimas formas pronunciadas.

De acordo com PAREDES SILVA, a concepção de uso funcional do pronome também incorpora o “princípio de iconicidade” de Givón (1983, 1990), o de que quanto mais predizível uma informação, menos codificação ela recebe.

### 1. Análise do uso

Em seu artigo, a autora selecionou alguns condicionamentos significativos que confirmam ou não as hipóteses funcionalistas apresentadas acima, como a questão da ambiguidade, do caráter afirmativo ou interrogativo do enunciado, do paralelismo, e da estrutura do sintagma verbal.

A análise de um determinado inquérito demonstra que a maior parte do uso das variantes selecionadas se encontra na fala do documentador, pois este reitera as ideias do informante e faz perguntas ao mesmo de forma direta. Assim, o caráter afirmativo ou interrogativo do enunciado parece ser o contexto mais favorável para a ocorrência das formas analisadas. Não se pode, no entanto, afirmar categoricamente que o maior número de ocorrências acontece nesse contexto linguístico, já que não foi dado um tratamento quantitativo aos dados, como já explicado anteriormente.

Há, por sua vez, dois tipos principais de perguntas: as perguntas sim/não e as perguntas qu-, além, é claro, das assertivas nas seguintes ocorrências:

- (1) hum hum... e atualmente *ce* tá estudando?
- (2) é... ih... mas *ce* acha que devia tê mais polícia perto da escola pra vê essas coisas?
- (3) tem muito abuso disso lá onde *ce* mora?
- (4) *você* acha que tá no horário errado né?
- (5) (0) trabalha muito né?
- (6) e a escola que *ce* vai *ce* acha que é boa? *ce* acha que precisa outras coisas na escola?
- (7) então *ce* acha... *ce* acha que tem que tê mais escolas?
- (8) como é que é feita a avaliação? *ce* sabe?
- (9) *você* já foi abordado por algum traficante? *você*... seus irmãos?
- (10) (0) tem que entendê... *ce* tem que tê isso na sua vida... ( ) num adianta *ce* falá não... ( ) eu guardo pra *você*... ( ) eu num mexo com *você* *você* num mexe comigo... mas *você* também

tem que sabê convivê com esse tipo de pessoa... ( ) pode vim querê fazê alguma maldadi com você... ( ) tem que sabê na onde *você* tá no caso...

(11) eu falo com *você* na segunda... brigada Vilma...

(12) *você* é de menor

(13) então... mas *você* não conhecia então... *você* aprendeu aqui com eles

(14) mas *ce* vai tê seu diploma

(15) sua mãe falô que *ce* trabalhô muito hoje... que *ce* tá cansado...

(16) como *ce* conheceu sua namorada?

(17) que problema *ce* enfrentô mais pra consegui emprego?

(18) quantos anos *ce* tinha quando ele morreu?

(19) como é que *ce* veio trabalhá aqui?

As frases de (1) a (9) são perguntas sim/não, em que há 8 usos de *ce*, 2 de *você* e 1 de (0), ou seja, houve um maior número de *ce*. De acordo com a análise dos dados da autora em questão, *zero* tende a ocorrer em perguntas do tipo sim/não e *ce* em perguntas qu-. Tem-se, assim, uma diferença em relação aos dois *corpora* analisados. Segundo ela, a ausência de sujeito pronominal em orações interrogativas do tipo sim/não não era surpreendente, já que a presença física do interlocutor permite a supressão de alguns traços linguísticos.

A hipótese à aparição do *ce* é a de que o usuário pode enfatizar a presença do seu interlocutor, reiterando sua participação na comunicação. O *ce*, por seu caráter átono, é fonologicamente propício a esse contexto, já que mostra um “pedido” de participação feito de modo “suave”. Não se pode esquecer que nas frases (6) e (7) há a presença do paralelismo, isto é, uma repetição da última(s) forma(s) pronunciadas. Nestes dois casos, as sequências se encontram num mesmo informante. A autora diz que “o fator paralelismo coloca em questão as escolhas que não parecem funcionalmente motivadas, mas sujeitas à influência de ocorrências. Neste caso, temos o maior uso do pronome justamente quando acabou de ser mencionado, o que é não só antieconômico como antifuncional, já que ele seria desnecessário para o fluxo da comunicação.” (1998:133).

Já as frases de (10) a (15) são afirmativas e há 10 ocorrências de *você*, 5 de *ce* e 1 ocorrência de (0). Os dados da autora apontam para um maior uso de *você* em frases assertivas,



o que aponta também os nossos dados. No entanto, ela não levanta nenhuma hipótese para este uso e parece ser estas ocorrências antifuncionais, já que, se levarmos em conta o espaço, os dois interlocutores encontram-se fisicamente presentes. Novamente, pensamos que a funcionalidade de você nas frases assertivas seja para reforçar o ato de comunicação ocorrido e para não ocorrer ambiguidade. Em (10), (11) e (15), há o paralelismo na fala do falante.

As perguntas qu- coletadas são majoritariamente compostas pelo *ce*, o que ocorreu da mesma forma com os dados da autora. Não foi levantada nenhuma hipótese em seu trabalho, mas pensamos que seja para não ocorrer a ambiguidade e para o fortalecimento do ato de comunicação.

### **Conclusão**

Pode-se concluir que o uso do pronome de segunda pessoa é funcional, e que são usados preferencialmente quando a ausência do sujeito pode interferir na comunicação, dificultando o seu referente. Esta também é a conclusão da autora. Outro fator que deve ser levado em conta é a retomada feita por um dos interlocutores para o fortalecimento do ato comunicativo. Pode ocorrer, em alguns casos, a presença do pronome independente dos fatores, o que constitui outro postulado variacionista.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COSTA, Luciane Trennephol. Análise variacionista do rotacismo. Revista Virtual de Estudo da Linguagem. 2007, v. 5, n. 9, p.1-5.

GUY, Gregory Riordan. Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul. In: ZILLES, Ana Maia Stahl (Org.). A questão da crioulização no português do Brasil. Editora UFGS, 2005, p.27.

LOPES, Edward. Fundamentos da linguística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1995, p.102-138.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Variação no uso de pronomes de segunda pessoa do singular na fala carioca. Revista de Estudos Linguísticos. Belo Horizonte, 1998, v.7, n. 2, p.121-138.

RODRIGUES, Ângela C.S. Português Popular em São Paulo. Simpósio ‘A língua Portuguesa em São Paulo’. São Paulo, 2004.p.11.